



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1172

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: UM OLHAR SOBRE “NOSSA SENHORA IMACULADA CONCEIÇÃO”

Camila de Brito Quadros Lara
(Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD)

Resumo. Nossa Senhora Imaculada Conceição, um dos títulos atribuídos à Maria, mãe de Cristo, é uma das mais importantes figuras da religião católica. Refere-se a um dogma através do qual a Igreja Católica declarou que a concepção de Maria foi realizada sem a mancha do pecado original e que desde o primeiro instante de sua existência, foi preservada do pecado pela graça de Deus. O objetivo deste artigo é investigar e analisar as representações de gênero relacionadas à imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição, vinculadas à figura de Maria, enquanto símbolo de devoção católica mundial. A metodologia utilizada foi o levantamento exploratório de fontes escritas e análise de fontes teóricas teológicas, além da utilização da imagem sacra e de uma canção católica devocional a fim de estabelecer e compreender tais representações. As representações que serão apresentadas sobre Nossa Senhora Imaculada Conceição e que são, através da figura de Maria relacionadas e mais evidenciadas são: “sem a marca do pecado”, virgindade, maternidade divina e assexuada, contemplação e silêncio, fragilidade e submissão. Dessa forma, podemos dizer que é possível observar na figura de Nossa Senhora Imaculada Conceição, a constituição de um sistema de representações de gênero que visa a ordenar e classificar as mulheres que legitimam suas ações através de figuras representativas e que, dentro da doutrina católica, são estimuladas à devoção e seguidas através das práticas de fé cristã.

Palavras-chave: Nossa Senhora Imaculada Conceição, representações de gênero, Igreja Católica.

Introdução/justificativa

Muitos pesquisadores e pesquisadoras têm se debruçado em suas linhas de pesquisa sobre a história das mulheres atualmente. Nota-se uma preocupação em se investigar o “lugar” das mulheres na História. Nesta perspectiva, observou-se a relevância do tema representações do gênero e o papel social das mulheres, exercidos e desenvolvidos na religião. Neste caso, particularmente, as representações de gênero sobre a “figura” de Maria, mãe de Jesus, em uma de suas representações de imagens de culto católico - Nossa Senhora Imaculada Conceição. A escolha por essa personagem específica se deu primeiramente por se tratar do nome da principal Igreja Católica, localizada em Dourados/MS e que é o objeto de

pesquisa de minha dissertação de Mestrado¹. Além disso, a curiosidade sobre um aspecto específico foi despertado durante as aulas: o “silêncio” das mulheres e a religião. Sabe-se que no âmbito religioso, o esquecimento ou os “silêncios” das mulheres sempre se fizeram presentes, diante de um quadro histórico de dominação masculina, marcadamente patriarcal em suas práticas e discursos. Michelle Perrot (2005, p. 09) descreve o silêncio, relacionando-o com a religião: “O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões (...)”. Escrever sobre estes e nestes “silêncios” (por se tratar de uma mulher escrevendo sobre mulheres), além de contributiva para uma pesquisa e produção acadêmica, também pode ser considerada uma forma de militância para a causa feminina, sobretudo uma pequena contribuição para a história das mulheres, como uma tentativa de “voz e vez” às mulheres.

Objetivo

Investigar e analisar as representações de gênero relacionadas à imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição, vinculadas à figura de Maria, enquanto símbolo de devoção católica mundial.

Resultados

Estudos de gênero e religião: representações na Igreja Católica

Estudar a religião a partir de uma perspectiva feminina, o universo feminino através da religião ou as relações da figura feminina evidenciadas na religião têm sido atualmente objeto de pesquisa de diversas áreas do conhecimento acadêmico. Dentro das vertentes abordadas, destaca-se entre outros aspectos, a dominação masculina inserida no universo religioso. As doutrinas, as condutas são legitimadas, impostas e realizadas por homens, cabendo à mulher preservar e transmitir as práticas imateriais ligadas à religião, como por exemplo, a guarda da memória religiosa, os rituais, a transmissão dos preceitos e costumes. “As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos” (ROSADO-NUNES, 2005, p. 363). Essa delimitação de

¹ A referida pesquisa de Mestrado tem como título: O Patrimônio Religioso Cultural: História e Memória da “Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição” de Dourados/MS (1925-1957) e é orientada pelo Prof. Dr. Losandro Antônio Tedeschi.

papéis, que se faz independente da religião praticada, torna as práticas e os discursos do feminino na maioria das vezes negligenciados, desestimulados e outras vezes até mesmo proibidos. O “lugar” das mulheres, a participação dessas mulheres, suas práticas e discursos, são influenciados também pelos papéis sociais que desempenham e pelos espaços sociais que estão disponíveis ou impostos à elas na sociedade em que vivem. O estudo da história das mulheres e suas práticas religiosas contribuem para superar a lógica binária e patriarcal da Igreja Católica, atribuídas às diferenças e as mulheres, celebrando a história das mulheres enquanto política de reconhecimento de um grupo com suas histórias de conflito, silêncios, enfrentamento e transgressão (ABUD, 2008).

Nas religiões de tradição judaico-cristã, nota-se claramente um processo de silenciamento histórico de mulheres, sobretudo quando se evidenciam dois aspectos: o controle do discurso histórico que privilegia a hegemonia masculina; e seu conseqüente processo de ocultamento das mulheres. Além disso, a visão da maior parte dos teólogos católicos de que as mulheres deveriam ser tuteladas pelos homens, decorre da ideia da natureza feminina ser astuta, perversa, “própria ao pecado”, ou seja, uma visão negativa do gênero feminino. Assim, caberia ao homem os “espaços públicos”, e às mulheres os “espaços privados” e sobretudo, privativos do convívio social. “A Igreja negou a sexualidade das mulheres enquanto amantes ou discípulas, assim como a participação delas nas celebrações de seus rituais, aceitando-as como penitentes, ajoelhadas pedindo-lhe perdão pelos seus corpos pecadores e tentadores” (ABUD, 2009, p. 08).

Dessa forma, a constante dualidade binária: masculino x feminino e público x privado também se faz presente nas práticas das religiões de tradição judaico-cristã, principalmente nos dogmas da Igreja Católica. O maior exemplo desta prática se deve ao fato das mulheres não poderem exercer o ofício de sacerdote, a não ordenação feminina. “Eram elas excluídas da palavra e do sacerdócio. A Igreja reserva a autoridade da pregação aos clérigos e os instrui para isso; as mulheres constituem seus auditórios mudos” (COLLING, 2014, p. 63). O palco, o lugar no púlpito, a prática e execução dos sacramentos, como primeira eucaristia, batismo, crisma, realização de matrimônios, entre outros é destinada ao masculino. Enquanto às mulheres são direcionadas aos espaços privados, ocultos, como nas funções de auxílio aos doentes, grupos de orações e adorações, a educação das crianças,

ajuda aos pobres, e aos “silêncios contemplativos”. Tedeschi (2012) relata que o processo de exclusão das mulheres das práticas religiosas monoteístas, que mais tarde deram origem à religião Católica, foi aos poucos ocorrendo, ao passo “que a Deus se representou como um ser masculino, que fala somente aos homens” (p.60).

Dessa forma, o cristianismo criou modelos de representação feminina, a fim de legitimar o papel social das mulheres. Assim, temos duas “figuras” bastante representativas e antagônicas no que diz respeito ao “modelo de mulher” de acordo com a tradição católica: Eva e Maria. Nota-se que há um discurso sobre a conduta feminina que seria a “adequada”, de acordo com a sociedade marcadamente androcêntrica, e uma visão de que as mulheres poderiam ser ou vaidosas e pecaminosas (Eva) ou castas e piedosas (Maria).

No que diz respeito à Eva, a visão católica sobre a mulher estava relacionada à mitologia do Jardim do Éden, na qual a mulher seria a responsável pela desobediência, por comer e dar de comer à Adão o “fruto proibido”. Dessa forma, Eva instigou Adão a desobedecer a Deus e, assim, foi responsabilizada e culpada por todo o pecado da humanidade. Portanto, Eva simbolizaria a fraqueza feminina e demonstraria a importância de manter as mulheres sob constante vigilância masculina. Nesta perspectiva, as mulheres deveriam pagar pelas “culpas” de Eva, assumindo as dores do parto, e o seu papel de submissão em relação ao homem (ARY, 2000).

Já Maria assume o papel de redentora, uma “Nova Eva” ou “Segunda Eva”. Porém, apesar da representação submissa permanecer, Maria redime a humanidade, ou seja, a partir de Maria há a redenção do feminino na humanidade, justamente por sua aceitação obediente e silenciosa, por seu “sim” a Deus que iniciará o trabalho redentor e salvador de Cristo, quando a mesma aceita gerá-lo em seu ventre. Dessa forma, temos nas figuras de Eva e Maria, dois aspectos antagônicos: o pecado e a virtude. Eva representa a origem do pecado e Maria, a redenção e a resistência ao mesmo pela obediência a Deus. Tais aspectos são fortemente abordados na doutrina do cristianismo, onde a salvação dos pecados é obtida através da obediência à Deus e a seus mandamentos. Porém, apesar de surgir como modelo feminino, Maria configura-se como uma exceção entre as mulheres, um modelo inatingível, um modelo do que a mulher deveria ser. A condição de que Maria foi concebida sem a marca do pecado, além da concepção

de Cristo ser advinda do Espírito Santo, ou seja, de forma assexuada, também torna-se um elemento que a diferenciou das outras mulheres. Neste sentido, Maria tornou-se um modelo inatingível às mulheres, ressaltando a inferioridade e submissão do gênero feminino. Frei Gregorio Guereño em sua publicação “Cadernos de Espiritualidade Franciscana” menciona um “verdadeiro Adão” e uma “verdadeira Eva” por meio de Cristo e Maria, quando relata: “Ao lado do verdadeiro Adão, Cristo, foi criada a verdadeira Eva, Maria, a Imaculada. Maria viveu num mundo de pecado, foi afectada pela dor do mundo, mas não pela maldade do mundo” (GUEREÑO, 2007). Guariza (2003) evidencia as representações de Maria enquanto “Nossa Senhora” relacionado-a com a Igreja Católica e suas praticantes da fé, evidenciando representações como: “eterna e imutável”, “submissão e inferioridade”, “mito”, “modelo impossível de alcançar”, salientando, por fim: “De certa maneira, a representação de Nossa Senhora demonstrava, com propriedade, a relação que a Igreja Católica mantinha com as suas fiéis” (p.87).

Afirmando tal condição, nota-se o papel de dualidade assumido pelas mulheres dentro da tradição Católica, ora persuasivas, ora submissas. Durante a história do Cristianismo, as mulheres sempre foram figuras importantes por causa de seu poder de persuasão, como podem ser atestados pelas várias personagens bíblicas como: Eva, Ester, Rute, Sara e até mesmo Maria². Porém, sempre foram consideradas como seres inferiores e que deveriam ficar submetidas à tutela masculina. Maria representa o modelo de mulher celebrado pelo patriarcalismo, pois representa o comportamento da ética moral religiosa. Neste sentido, a representação de Maria foi utilizada como elemento estimulador da ação feminina, porém dentro das normas impostas pela Igreja Católica. Além disso, Maria enquanto figura representativa de “mãe cristã” era entendida como a de educadora moral. Com a função de mãe, a mulher torna-se responsável pela educação (tanto geral como principalmente religiosa) dos seus filhos, ensinando os dogmas, as orações, a fé e a moral cristã. Para exercer tal “cargo”, ela deveria ser preparada por meio de sua atuação dentro da Igreja Católica, através dos grupos de orações, associações, uso dos livros e dos manuais religiosos e, se assim tivesse uma condição financeira privilegiada, ser educada e educar suas filhas nos colégios católicos femininos.

² Para saber mais, consultar: <http://www.montesiao.pro.br/estudos/mulher/mulheresbiblia.html>.

Sendo assim, da mãe cristã se esperava o recato, a paciência, a amabilidade, a humildade, a mansidão. A mãe cristã deveria zelar para que seu esposo e filhos se mantivessem nos limites do catolicismo, porém sem sobressaltos ou agitações, pois se Maria conseguia irradiar o amor a Deus com sua candura que santificava os ambientes, as mães cristãs deveriam tentar exaustivamente fazer o mesmo (GUARIZA, 2003).

Além desses elementos representativos, temos outros preponderantemente marcados nas representações religiosas de Maria: a maternidade e a sexualidade. Sobre esses elementos, Abud (2009, p. 82) afirma: “A Igreja, através de seus discursos, contribuiu historicamente e culturalmente para que a maternidade fosse produzida como algo pertencente ao plano do divino, onde a sexualidade permitida seria aquela com o objetivo da reprodução”. Dessa forma, tendo como oposição ao modelo de “pecado” relacionado à Eva, Maria traz a salvação para a humanidade por meio da geração assexuada de Cristo, filho de Deus, através da maternidade virginal. Assim, vislumbramos um quadro histórico e teológico de que Maria é concebida e apropriada como “modelo de mulher”, de caráter inatingível, tendo como características marcantes a submissão, a maternidade virginal, o silêncio como prática religiosa, a ilibada conduta moral. Ela veio com o papel de recolocar o lugar do feminino no modelo de fé cristã e de incorporar a Igreja Católica nas práticas das mulheres. Nessa perspectiva, a Igreja Católica desenvolveu toda uma ética, com procedimentos de disciplina e vigilância constantes que produziram estratégias de controle e punições sobre a sexualidade e o feminino. Tais aspectos ainda são atuais e fundamentais para discutir as relações de gênero e religião, pois tratam de elementos constitutivos das relações sociais entre homens e mulheres e de suas diferenças que marcam e dão significado às relações de poder.

Nossa Senhora Imaculada Conceição: representações de gênero

Partindo da concepção de que gênero trata-se de uma construção que tem como base os mais variados aspectos das relações humanas e que interagem em suas práticas com as relações de poder, podemos também estudar outra abordagem para a categoria: as representações de gênero. Nessa perspectiva, Chartier (1990), entende as representações como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real, sendo as

mesmas variadas, dependendo do grupo ou classe social. Porém sempre determinadas pelos interesses que as forjam. Poder e dominação estão sempre presentes, onde tenta se impor ao outro a sua concepção de mundo social. Tais aspectos são evidenciados em vários “domínios” humanos. A religião também se torna um palco para as lutas de representações, produzindo estratégias e práticas com tendências autoritárias, de legitimação das escolhas do gênero no mundo social. As representações que foram pesquisadas e serão aqui apresentadas sobre Nossa Senhora Imaculada Conceição e que são, através da figura de Maria relacionadas e mais evidenciadas são: “sem a marca do pecado”, virgindade, maternidade divina e assexuada, contemplação e silêncio, fragilidade e submissão. Tais elementos são representativos para os estudos das relações de gênero e religião mesmo nos dias atuais, por demonstrarem um modelo de mulher idealizado que deve ser seguido pelas praticantes da religião Católica.

Imaculada Conceição é um dos títulos atribuídos a Maria, é mais uma das várias representações das “Nossas Senhoras”. Refere-se a um dogma através do qual a Igreja Católica declarou que a concepção de Maria foi sem a mancha do pecado original e que desde o primeiro instante de sua existência, Maria foi preservada do pecado pela graça de Deus. Além disso, o dogma declara também que a vida de Maria transcorreu completamente livre de pecado, sendo “conduzida” aos céus desse modo. Sobre tal representação, Monsenhor João Clá Dias³ (2009), descreve a Imaculada Conceição de Maria⁴, ao mencionar alguns homens considerados santos pela Igreja Católica:

Santo Efrém, () a exalta como tendo sido *"sempre, de corpo e de espírito, íntegra e imaculada"*. Para Santo Hipólito Ela é um *"tabernáculo isento de toda corrupção"*. Orígenes A aclama *"imaculada entre imaculadas, nunca afetada pela peçonha da serpente"*. Por Santo Ambrósio é Ela declarada *"vaso celeste, incorrupta, virgem imune por graça de toda mancha de pecado"*. Santo Agostinho afirma, () *"menos a Santa Virgem Maria, a qual, pela honra do Senhor, não quero que entre nunca em questão quando se trate de pecados"*.

O dogma da isenção do pecado de Maria, a Imaculada Conceição, que através dos tempos se tornou uma representação de sua figura religiosa, nem

³ Mons. João Scognamiglio Clá Dias é fundador da Sociedade Feminina de Vida apostólica Regina Virginum. Fonte: <http://www.arautos.org/view/show/516-biografia-monsenhor-joao-cla-dias>.

⁴ Destaques feitos por Dias (2009) Fonte: <http://www.acnsf.org.br/article/5220/A-Imaculada-Conceicao---ldquo-Piedosa-crenca-rdquo--que-se-tornou-dogma.html>.

sempre foi aceito dentro da Igreja Católica. Este dogma foi muito debatido entre os teólogos, havendo opositores e defensores da “causa”, cabendo a Duns Scott, teólogo franciscano, legitimar esta representação (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, s/d, p. 02). Bisinoto (2005) aborda outra representação atribuída à Maria relacionando-a com a Imaculada Conceição: a maternidade divina. O autor atribui a mesma como sendo originária da concepção “sem a marca pecado”: “A razão de Maria ser preservada do pecado original reside em sua vocação: ser Mãe de Jesus Cristo, o Filho de Deus que assumiu a nossa natureza humana para nos salvar. Esse privilégio constitui um serviço à salvação do gênero humano”. De acordo com um trecho da “Oração à Imaculada Conceição”⁵, podemos atribuir novamente, a imagem de “virgem sem mancha”: “Virgem Santíssima, que fostes concebida sem o pecado original e por isto mereceste o título de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e por terdes evitado todos os outros pecados (..)”. A Imaculada concepção de Maria, tendo seu corpo livre do pecado original, segundo a doutrina da Igreja Católica, concebeu o parto sem dor, ao contrário de todas as outras mulheres que foram “punidas pelo pecado de Eva” com as dores do parto: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez, em meio de dores darás a luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (BÍBLIA SAGRADA. Gênesis 3, 16). A oficialização e legitimação do dogma foram feitas pelo Papa Pio IX na data de 08 de dezembro de 1854, data em que é comemorada tradicionalmente entre os fiéis: “doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda a mancha de pecado original⁶”. Tendo caráter oficial, o dogma passou a ser considerado como um dos elementos de fé dos fiéis católicos desde então.

Para exemplificar e analisar alguns aspectos das representações existentes na imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição, escolheu-se dentre os diversos artistas e obras de arte que a representam, uma pintura barroca feita entre os anos 1767 e 1769 que está exposta no Museu Nacional do Prado, localizado em Madri, na Espanha.

⁵ Para visualizar a oração em sua totalidade, ver: www.paraquias.org/orações.

⁶ Trecho disponível em: <http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/751/28/>. Acesso em: 05/07/2015.



Figura 1 - A Imaculada Conceição. Pintada por Giambattista Tiepolo
Fonte: Museu Nacional do Prado. Madri/Espanha⁷.

De acordo com a descrição da tela⁸, Nossa Senhora Imaculada Conceição aparece sobre globo terrestre, envolta à nuvens e anjos. Ela pisa sobre a serpente do pecado original e coroando-a está a pomba do Espírito Santo. São retratados ainda alguns de seus símbolos habituais, incluindo lírios, um ramo de palmeira e um espelho. Esta cena mostra a maneira tradicional de representar a Virgem Imaculada Conceição, que ocorreu sem pecado original. O símbolo da lua provém da ladainha “Pulchia Ut Luna” (Pura como a Lua). Sobre a cabeça possui uma coroa ou auréola de doze estrelas (representando os doze apóstolos). A Igreja Católica definiu o dogma da Imaculada Conceição, baseando-se na expressão da Sagrada Escritura: “Cheia de Graça”. É Maria Santíssima, o receptáculo dos dons do Espírito Santo, a virgem toda radiante de luz da lua que, calcando a serpente lembra-nos a sua glória. Pode-se perceber ainda, enquanto elementos representativos da “sagrada imagem virginal e sem pecado” em que anjos a olham com admiração e devoção, um semblante corporal contemplativo com traços e gestos delicados e frágeis; cabeça e corpo todo cobertos com um manto, veste comportada, de cores claras, brancas, e por que não dizer - puras.

Abud (2008) trabalha a questão da representação de Maria por meio de suas imagens artísticas, que neste caso, podemos relacionar também com a figura de Nossa Senhora Imaculada Conceição: a fragilidade e submissão, como elo entre a igreja e suas fiéis, que são características recorrentes das narrativas bíblicas

⁷ Disponível em: <https://www.museodelprado.es/pt/visite-o-museu/15-obras-primas/ficha-da-obra/zoom/1/obra/a-imaculada-conceicao/oimg/0/>. Acesso em: 08/07/15.

⁸ Idem ao anterior.

associadas ao modelo de mulher inatingível, Maria transformada em mito. Sobre tais elementos a autora setencia: “A beleza sagrada e inocente das imagens artísticas de Maria substituíram a beleza provocante e tentadora de Eva, agora é o rosto o objeto da admiração (...)”. Assim, temos a fragilidade e a submissão como símbolos que evocam modelos de ideais femininos a serem alcançados pela fé. E por meio da fé das mulheres, surge a admiração, o culto e a devoção da figura de Nossa Senhora da Conceição.

Outro elemento interessante que serve como ferramenta de análise para representações de gênero neste artigo, é uma canção católica atribuída a Frei Fabretti⁹, cuja narrativa exalta Nossa Senhora Imaculada Conceição, em seus atributos religiosamente marcantes.

*Imaculada **Maria de Deus. Coração pobre** acolhendo Jesus
Imaculada Maria do povo. Mãe dos aflitos que estão junto á cruz
Um coração que era **sim para a vida**. Um coração que era **sim para o irmão**.
Um coração que era **sim para Deus**. Reino de Deus renovando este chão! (...)
Faça-se ó Pai, vossa plena vontade. Que os nossos passos se tornem **memória do amor fiel que
Maria gerou**. Reino de Deus atuando na historia!*

O notável caráter sacro que é enfatizado na figura da Imaculada Conceição de Maria evidencia-se através dos dispositivos que são representados através do discurso como a virgem que soube ouvir e que, em sua simplicidade, disse o “sim”: “*para a vida, para o irmão, e, sobretudo para Deus*”. Dessa forma, ela participou de todo plano de salvação da humanidade por Jesus. Esse pensamento sobre Imaculada Conceição de Maria compõe a visão determinada pela Igreja Católica trazendo, como atributos da mãe de Jesus, o silêncio, a castidade e a obediência, destacando-se, neste contexto: “*Faça-se ó Pai, vossa plena vontade*”. Nesta visão, a instituição católica tendia a idealizar a figura de Maria de acordo com certas qualidades ditas femininas, porém vistas segundo a ótica masculina, sendo nesta medida, produto desta visão. Neste trecho, pode-se notar o paradigma patriarcal e de dominação masculina, onde se inscreve: “*Maria de Deus*” e “*memória do amor fiel que Maria gerou*”, trazendo à tona a herança de mulher modelo inatingível e divinal que vai gerar a salvação da humanidade.

⁹ A canção “Imaculada Maria” está disponível em: www.letras.com.br/freifabretti/imaculada-maria. As sentenças negritadas foram feitas por mim para evidenciar os aspectos representativos de Nossa Senhora Imaculada Conceição.

Considerações Finais

Nossa Senhora Imaculada Conceição, uma das representações de Maria, mãe de Cristo, é uma das mais importantes figuras da religião católica. Seu dogma “Imaculada Conceição” traz em seu discurso, um modelo de mulher divinal, porém dotada de outros elementos construtivos de sua divindade. A maternidade foi a sua mais importante atribuição, por se tratar do filho de Deus, clara menção à uma concepção assexuada e virginal. O corpo sagrado, sem a mancha do pecado original, pois só um corpo casto poderia conter a vida daquele que veio para salvar toda a humanidade. Na concepção da Igreja Católica, o filho e representante de Deus na forma humana só poderia ser concebido num corpo imaculado. Este corpo desprovido e conservado sem pecado traz à tona um “elogio” à virgindade que é evocado e celebrado por muitos seguidores, tanto pelos representantes da Igreja Católica, como por leigos e até mesmo não cristãos. Em relação à fragilidade e submissão evidenciadas na figura da Imaculada Conceição, pode-se notar contribuintes para aumentar sua grandeza e sua força, parecendo legitimar uma sentença bíblica que relaciona humildade, submissão com a salvação. De outro lado, independente da “forma” que Maria assume, neste caso, Nossa Senhora da Conceição, esboça-se a garantia da salvação através da possibilidade do perdão dos pecados humanos que se faz na concepção de sua maternidade virginal, casta e sempre acompanhada pelo seu “sim” silencioso e contemplativo aos mistérios divinais.

Dessa forma, podemos dizer que é possível observar na figura de Nossa Senhora da Conceição a constituição de um sistema de representações de gênero que visa a ordenar e classificar as mulheres que legitimam suas ações através de figuras representativas e que, dentro da doutrina católica, devem ser estimuladas à devoção seguidas através das práticas de fé cristã. Lembrando que tais modelos de representações nem sempre são considerados e demonstrados através do olhar feminino, mas na maioria das vezes, demonstram o imaginário e a dominação masculina através dos tempos.

Referências

ABUD, C. de C. R. **Corpos e(m) imagens na História: questões sobre as mulheres católicas no presente**. Florianópolis, 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina/UNESC, 2008.

_____. **Imagens de Maria e Madalena: corpos em busca de purificação e absolvição no presente.** Em Tempo de Histórias - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - PPG-HIS, n. 15, Brasília, jul./dez. 2009.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Imaculada Conceição, o dogma.**

Disponível em:

http://arquivfn.org.br/detalhe_00502.php?cod_select=3073&cod_002=5. Acesso em: 05/07/2015.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BISINOTO, E. **Para conhecer e amar Nossa Senhora.** 4. ed. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2005

BOFF, L.; MURARO, R. M. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças.** Rio de Janeiro: Sextante: 2005.

CLÁ DIAS, J. **Pequeno Ofício da Imaculada Conceição Comentado.** Artpress. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://caritatis.com.br/2010/12/02/o-dogma-da-imaculada-conceicao>. Acesso em: 05/07/2015.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações.** 2. ed. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção de um corpo feminino na história.** Dourados/MS: Editora UFGD, 2014.

GUARIZA, N. M. **As guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano.** Curitiba, 2003. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná/UFPR,

GUEREÑO, G. P. **O beato Duns Escoto e a Imaculada Conceição.** Cadernos de Espiritualidade Franciscana. Editorial Franciscana, Braga: 2007

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

ROSADO-NUNES, M. J. **Gênero e religião.** Dossiê. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estudos Feministas: Florianópolis, v. 13, mai-ago. 2005.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica.** Dourados/MS: Editora UFGD, 2012.